

tem uns segundos para ver o que se passa.

Os oficiais de informações tinham vidas ‘normais’. Havia pessoas solteiras, pessoas casadas, mulheres casadas que tinham de explicar ao marido que o seu emprego as obrigava por vezes a trabalhar até às 4h da manhã, com um homem dentro do carro, que depois as iria levar a casa... A família sabia apenas que trabalhavam para o chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, no Serviço de Informações, mas desconheciam as funções exactas e os pormenores das operações. Era pedido às pessoas que não falassem do trabalho em casa. Tenho quase a certeza absoluta que isso acontecia.

A minha mulher sabia perfeitamente que eu trabalhava no Serviço de Informações, que estava ligado à espionagem, mas não fazia ideia nenhuma do meu dia-a-dia no terreno. Não tinha noção dos riscos que eu corria. E confiou sempre que as minhas saídas eram por motivos operacionais... Um amigo dizia-me no outro dia que eu tinha arranjado a profissão ideal, porque nunca se sabia se as minhas saídas eram por uma razão ou por outra...

É forçoso que o domínio das emoções que se adquire na esfera profissional passe para o plano familiar e pessoal. Quando se trabalha num serviço de informações 12 anos, mesmo quando se sai do serviço continua-se a trabalhar. Muitas vezes, em casa, a ler o jornal ou a ver televisão, estava a pensar em casos para os quais as soluções eram extremamente complexas. Não havia um dia, à excepção talvez do Natal e do Ano Novo, em que não houvesse um oficial de informações na rua... E, enquanto houvesse gente na rua, eu tinha de me preocupar com isso... Tinha de haver sempre um telefone disponível, para podermos ser contactados... Tínhamos equipamentos de rádio, mas eu não podia estar a jantar com o rádio no bolso a falar...

Admito que a família pudesse ficar perturbada às vezes. Um dia, nos anos 80, saiu uma fotografia minha no jornal (no ‘Tal & Qual’, em 1984). Isso afectou a minha relação com os meus filhos. Deixei de os levar à escola. Uma vez, uma professora do meu filho perguntou-lhe qual era a minha profissão, e ele respondeu que o pai era espião. O assunto ficou ali.

A certa altura, arranjámos um indivíduo (português) que estava a ser aliciado pelo KGB para lhe passar informações. Nós aliciámo-lo a

trabalhar para nós, fazendo de conta que trabalhava para eles — o típico agente duplo. Ele tinha de ser preparado para, nas suas conversas com o KGB, dizer o que eles esperavam ouvir, sem que isso afectasse a nossa segurança nacional, e ao mesmo tempo obter dados que nos interessassem operacionalmente. Quem conduzia este indivíduo tinha de despender horas e horas de preparação interna, de debate com outras pessoas do serviço, para discutir o que lhe vão perguntar, o que ele responde, o que não se ensina para parecer genuíno — porque o duplo não pode ter respostas para tudo.

Um vício que me ficou do Serviço de Informações é estar quase sempre ‘a recrutar’ — no sentido de gostar de levar uma pessoa a falar. Muitas vezes dei por mim a fazer perguntas, às vezes por puro gozo, a desconhecidos que se

sentavam ao meu lado. Ia aprofundando, puxando o fio do novelo, e as pessoas começavam a revelar, a revelar... As pessoas revelam coisas impressionantes. Porque confiam, ou porque estão vulneráveis, ou porque se sentem bem... Essa aprendizagem da mente humana, que leva à manipulação, também se treina.

Rio-me muito nos filmes de James Bond. São uma ‘cobiada’. Costumo dizer a toda a gente que não vale a pena ler livros de espionagem, à excepção dos do John Le Carré. Nenhum dos outros corresponde a um mínimo de verdade. No meu tempo de serviço, nunca vi ‘Bond girls’ em parte nenhuma...»

**Roberto Machado, jogador de póquer**, diz que «tudo é informação». «Muitos jogadores gostam de usar óculos escuros para observar sem



## Roberto Machado

JOGADOR DE PÓQUER

**IDADE** 30 anos

**ERA** programador informático

**JOGA** há pouco mais de um ano

**PARTICIPOU** em mais de 50 torneios

**O SEU MELHOR PRÉMIO** foi de €30.800, quando se classificou em 28.º lugar, entre 300 jogadores, no World Series de Londres

**FRASE** «Tudo é informação»